



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9584 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**FORMAÇÃO CULTURAL DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DAS
CONCEPÇÕES AOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS**

Ana Maria dos Santos - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

**FORMAÇÃO CULTURAL DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DAS CONCEPÇÕES AOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS**

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa de Doutorado em Educação, cuja temática se voltou para a formação cultural de crianças da Educação Infantil no município de Maceió/Alagoas. O objetivo central consistiu em conhecer e analisar como instituições de Educação Infantil concebem e medeiam a relação da criança com os equipamentos culturais. Desta feita, foram realizadas entrevistas com profissionais que atuam em instituições de Educação Infantil. Para as análises do material construído por meio das entrevistas, recorremos a autores como Bissoli et al (2014), Carvalho (2016), Nogueira (2010), Leite e Ostetto (2005) etc. Os resultados da pesquisa indicaram a ausência de uma política de transporte escolar aliada a uma frágil articulação entre as instituições de Educação Infantil e os equipamentos culturais e que estes últimos não oferecem estrutura física e humana adequadas para receber crianças de creches e pré-escolas, refletindo, assim, nas escolhas dos espaços e nos objetivos das visitas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação Cultural. Equipamentos Culturais.

Introdução

Pensar a instituição de educação como lugar da formação cultural ainda não se constitui uma realidade no contexto brasileiro, tanto no âmbito das políticas quanto das práticas pedagógicas, uma vez que historicamente tem se atribuído à escola o papel de transmissora de conteúdos escolares, assim como de moldar comportamentos, instituir regras, disciplina e valores, introduzindo crianças e jovens nos rituais e simbologias que caracterizam a perspectiva tradicional de educação. Sob essa ótica, ainda presente nos dias atuais, cabe à educação a ênfase no controle dos corpos e das mentes, dos devaneios e da vida.

Logo, a educação dos sentidos assume papel secundário, sendo concebida como perda de tempo, algo que não contribui para o futuro das populações infantis e juvenis, futuro este que povoa o imaginário social e que deposita na educação das crianças elementos necessários

à vida adulta e não às experiências fundamentais à infância.

Bissoli et al (2014, p.129) destacam que “as linguagens plástica, imagética, corporal, musical, [...] aparentam ser acessórias no planejamento, e as experiências que as crianças poderiam vivenciar com as diversas formas de expressão são colocadas de lado”.

O caminho metodológico iniciou pela revisão de literatura, realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes, nos Anais da Anped (GT 07) e no repositório da UFAL, evidenciando a ausência de pesquisas sobre a formação cultural da criança na Educação Infantil no município de Maceió. Este achado indicou o tamanho do desafio que a investigação apresentava ao mesmo tempo em que demonstrou a contribuição do estudo para o campo da infância e da Educação Infantil no contexto investigado.

A questão central se voltou para algumas reflexões acerca da formação cultural de crianças em creches e pré-escolas a partir do processo de mediação das instituições de Educação Infantil junto aos equipamentos culturais. Foram realizadas entrevistas em 10 Instituições que cuidam e educam crianças menores de 6 anos, envolvendo um total de 13 profissionais, entre gestoras, professoras e coordenadoras pedagógicas, todas do sexo feminino.

Buscou-se um diálogo com estudos nos campos da infância, cultura, equipamentos culturais e formação cultural, partindo de uma compreensão de infância enquanto categoria plural, dinâmica, situada na história e na cultura e de criança como sujeito de direitos, sujeito potente, imaginativo, ético e estético.

A pesquisa se orientou pelas seguintes indagações: quais são as concepções de formação cultural das entrevistadas? Como as instituições de Educação Infantil promovem o encontro entre a criança e a cultura, em suas diferentes formas de expressão? Os equipamentos culturais possuem estrutura adequada para receber crianças pequenas?

Fez-se a opção pela entrevista semiestruturada por se tratar de um procedimento que se institui por meio do diálogo, implicando em planejamento e organização prévia de um roteiro, visando coletar e construir dados acionados no processo de interpretação e análise. “Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las [...] (DUARTE, 2004, p.220).

Projetando visitas a equipamentos culturais

A concepção de currículo nas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) expressa claramente que pensar a formação da criança enquanto ser inteiro, completo, implica reconhecer que ela tem uma história individual e coletiva e que está imersa em uma cultura e, portanto, os conhecimentos aos quais deve ter acesso pertencem a fontes e naturezas diversas, inclusive, as que fazem parte do seu cotidiano, devendo ser acionadas, problematizadas e ampliadas.

O que dizem as participantes da pesquisa sobre as experiências culturais que são proporcionadas às crianças pela Instituição em que atuam? Como elas têm ocorrido, com que frequência e com quais objetivos?

Em seus relatos, as entrevistadas consideram que o fato de retirar a criança do ambiente da instituição constitui uma ação potencializadora de experiências variadas e que os

critérios de seleção dos espaços culturais passam, primeiramente, pela oportunidade de transporte escolar e, no momento em que ele surge, não medem esforços para sair com as crianças, independentemente do lugar e da proposta apresentada pela Secretaria de Educação.

O tema da logística do transporte é recorrente ao longo das entrevistas. Fica latente o quanto essa questão incide sobre outros aspectos relacionados à formação cultural das crianças e um deles diz respeito à escolha dos equipamentos a serem visitados, bem como aos objetivos propostos para a visita.

Por equipamento cultural entende-se tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.) (TEIXEIRA COELHO, 1997, p.164).

De acordo com entrevistadas, embora seja feito um trabalho anterior à visita, esta ainda se traduz em um momento de tensão, tanto para as professoras quanto para os profissionais dos equipamentos e argumentam que é preciso que as pessoas que atuam nos equipamentos compreendam que a criança pequena tem necessidade de tocar, de sentir, contudo, confessam perceber a preocupação que os mediadores têm de que as crianças possam quebrar ou danificar os objetos das exposições.

Carvalho (2016) analisa que as relações que os centros culturais estabelecem com seus visitantes estão marcadas por alguns rituais cuja finalidade consiste em delimitar fronteiras, buscando adequar comportamentos e ações, definindo *a priori* o que pode e o que não pode. A autora expõe ainda que nas entrevistas com responsáveis por setores educativos, os participantes afirmavam que lidar com crianças pequenas era uma das suas maiores dificuldades.

Para Leite (2005, p.42), a “apreciação de obras não é dom inato – nosso olhar é construído dia a dia e essas possibilidades de experiência estética fazem parte de nossa formação cultural”. Desse modo, partilha-se da compreensão de Bissoli (2014) de que,

Se a estética é uma das dimensões do humano, desde a creche as crianças deveriam ter contato com as Artes. A ampliação de suas experiências, o desenvolvimento da capacidade criadora e sensível, o deleite, a apreciação, a fruição, a imaginação, o refinamento das percepções, são aspectos que podem e devem ser desenvolvidos desde a pequena infância (BISSOLI et al, 2014, p. 129).

Segundo as entrevistadas, ainda são encontradas situações em que as crianças recebem tratamento desigual e excludente, tornando-se alvo de posturas discriminatórias por parte de alguns espaços culturais, revelando, assim, o quanto as crianças das classes populares continuam encontrando barreiras para garantir efetivamente seu acesso aos instrumentos da cultura humana, sendo esse acesso muitas vezes percebido como uma prerrogativa das classes abastadas.

Boaventura Sousa Santos (2002) entende que o termo cultura, em sua acepção mais simples, consiste na luta contra tudo o que uniformiza. Uniformizar implica segregar, hierarquizar e aprofundar desigualdades, implica em persistir na ideia de polarização entre culto/erudito e popular, como instrumento de impedir o acesso de todos os cidadãos aos diferentes modos de criação, expressão e experiência *da e com* a cultura.

Pensar a formação cultural como privilégio consiste em um posicionamento político-

ideológico que tem servido para aumentar ainda mais a distância entre as instituições culturais e aqueles sujeitos que vivenciam continuamente processos de exclusão.

Entende-se que poder se debruçar sobre a leitura de uma obra literária, ir ao teatro, escutar música, fazer visitas a museus, dentre outras experiências dessa natureza, organiza e instaura processos formativos contínuos, cuja centralidade está voltada para a ampliação dos horizontes culturais do sujeito que se constitui individual e coletivamente.

Das concepções e dos intercâmbios culturais

Quando indagadas sobre o que entendem por formação cultural, as falas proferidas convergiram no sentido de estabelecer uma estreita relação entre formação cultural, cultura tradicional e popular, sentimento de pertença, de memória coletiva e de construção identitária.

É por meio do processo de socialização que a criança estabelece com seus pares, na forma como acessa, aprecia e utiliza os diferentes espaços e objetos que compõem cenários, que as suas experiências culturais e estéticas se constroem, se ampliam e compõem seu repertório cultural e humano e, nesse percurso, o papel do adulto é fundamental.

Para Nogueira (2010, p.04) “o professor deve ter parâmetros estéticos mais amplos e, para isto, é importante que ele tenha uma sólida formação cultural, que lhe dê os subsídios necessários para atender às novas e velhas demandas que são colocadas no seu cotidiano”.

A partir do que a autora expõe, pensar uma proposta de formação cultural da criança no contexto da creche e da pré-escola, implica compreender que se trata de um projeto amplo em que as experiências culturais de suas professoras e professores devem também assumir centralidade.

Como observam Leite e Ostetto (2005, p. 85),

A educação do olhar é um exercício, uma construção na qual a percepção e a sensibilidade estão imbricadas na produção do conhecimento. Tornar visível o que se olha é uma concepção do sensível. Pensar a educação do olhar é posicionar-se e questionar-se diante do processo de aprendizagem, para despertar o caráter sensitivo, afetivo e sensorial, como uma viagem ao mundo da imaginação e das informações adquiridas.

Alargar os horizontes culturais na infância requer oferecer oportunidades concretas de as crianças acessarem os artefatos da cultura material e simbólica, concebendo-os a partir das representações que abrangem o patrimônio material e imaterial e considerando que estes evocam igualmente símbolos, signos e códigos estéticos e artístico-culturais produzidos pelo conjunto da humanidade e, portanto, necessários à sua continuidade.

Para Adorno (1995) a educação deve ter como projeto central contribuir para a emancipação humana, caso esse propósito não seja alcançado, caminhamos para o que o autor denomina de barbárie. Assim, ilustra o autor,

O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto (ADORNO, 1995, p.67-68).

As entrevistadas consideram que a escola é o *locus* privilegiado para que meninas e

meninos pertencentes a famílias com menor poder aquisitivo possam vivenciar experiências culturais, apesar disso, elas reconhecem que se trata de um trabalho solitário da instituição, tendo em vista as cobranças externas que recebem em relação ao trabalho que deve ser realizado nos primeiros anos da criança em contexto escolar, isto é, preparar para o Ensino Fundamental.

Algumas considerações

Os resultados da pesquisa indicam que a aproximação das crianças aos equipamentos culturais é perpassada por diferentes problemáticas, tais como: ausência de uma política de transporte escolar; não atendimento, no contexto dos equipamentos culturais, às demandas de crianças menores de 6 anos, tanto no que concerne à estrutura física e humana como pela falta de ações culturais específicas para este público.

No tocante às concepções de formação cultural, percebe-se que visitar espaços culturais ainda não se reveste de um sentido que assinale para a função precípua da escola que é garantir um projeto de educação voltado para a formação humana.

Entende-se que a formação cultural ou educação dos sentidos implica em processo, em experiência, em aprender a refinar o olhar, a aguçar a escuta, a construir sentidos sobre si, sobre o outro, sobre as coisas e sobre o mundo que nos rodeia.

Formação cultural é processo que não finda, é diálogo, é troca permanente que se faz no re/encontro diário com o outro na instituição e para além da instituição, com o repertório individual e coletivo.

Referências

ADORNO T. W. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, 3ª edição, Editora: Paz e Terra, 1995.

BISSOLI, M. de F. et al. A formação cultural do professor: desafios e implicações pedagógicas. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 5, n. 1, p.118-134, jan./jun. 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, C. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

LEITE, I. M.; OSTETTO, L. E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas, SP: Papyrus, 2005, p.85-92.

LEITE, I. M. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, I. M.; OSTETTO, L. E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas, SP: Papyrus, 2005, p.19-54.

NOGUEIRA, M. A. Formação cultural: questões teóricas. In: Formação Cultural de Professores – **Salto para o Futuro**. Brasília: MEC. Ano XX, Boletim 07, jun.2010 p.08-13.

SOUSA SANTOS, B. de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências », **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63 |2002, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 14 de julho de 2019. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/1285> ; DOI :10.4000/rccs.1285.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultura**: cultura e imaginário. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.